
Abel Lopes Martins de Almeida e Sousa

Reflexão sobre o seu Múnus de Bibliotecário

1908-1993

MARIA ARMANDA DE ALMEIDA E SOUSA

Bibliotecária — Arquivista

A profissão de bibliotecário, proveniente do Renascimento como uma necessidade social, era tradicionalmente encarnada por uma figura de vasto e profundo saber. Não possuía qualquer especialização, mas impunha-se pelos seus conhecimentos.

Grandes figuras da cultura universal foram bibliotecários, como Leibniz, Lessing, e, entre nós, António Ribeiro dos Santos, Alexandre Herculano, Fidelino Figueiredo, para citar apenas alguns.

No século XX, o bibliotecário passa a ter formação própria e a estrutura básica deixa de ser de carácter erudito, passando a ser, gradualmente, sobretudo técnica. Daqui se depreende que haja duas grandes categorias de profissionais nesta área: o bibliotecário erudito e o bibliotecário técnico, aquele situado no passado, este dinâmico no presente. Quer dizer, em tempos de antanho, o bibliotecário era um «poço de sabedoria», com conhecimento directo do conteúdo do livro. Na actualidade, o bibliotecário preocupa-se com o tratamento externo das espécies bibliográficas e não propriamente com o seu âmago. Outrora transmitia directamente os conhecimentos, hoje indica pistas para o utente chegar ao que deseja saber. A técnica avançada fornece os meios indispensáveis para ser alcançado esse desiderato.

Repare-se, contudo, que há um traço comum: então como agora, o bibliotecário era, e é sempre, — de modo directo ou indirecto — um transmissor da cultura, o que pressupõe que seja um permanente estudioso e, por vezes, também, um pedagogo.

Ora um e outro destes paradigmas deveriam coexistir sem nunca se excluírem, nem se sobreponem na sua diferenciada missão, pois que, de certa maneira, se completam e são indispensáveis nos dias de hoje.

O Abel foi um bibliotecário erudito pela vasta cultura que adquiriu e pôs ao serviço dos outros. «*In angello cum libello*» («Num cantinho com um livrinho»), estudava na dúvida e procurava realizar na esperança... como ele próprio afirmava. De facto dedicou toda a sua vida ao estudo. Ora por obrigação, ora por devoção, debruçava-se sobre temas filosóficos, sobre acontecimentos históricos, sobre problemas matemáticos, sobre questões teológicas, sobre o conhecimento da língua latina, etc. Os clássicos eram-lhe também familiares.

Como bibliotecário a sua acção foi notável e fecunda, embora sem luzimento. Poderia ter publicado muitas das suas investigações e estudos que punha ao dispor dos outros. Autêntico bibliotecário de referência, as suas informações eram sempre bem fundamentadas e seguras, porque a sua sólida cultura se baseava no estudo sério. Disse-me, repetidas vezes, o sábio e estudioso historiador — especialista em Cartografia — Doutor Armando Cortesão, que aquilo que o Abel não descobrisse nas suas pesquisas bibliográficas, ninguém mais o conseguia. Mas, nem sempre se enfrentava com buscas laboriosas, difíceis ou transcendentais. Acontecia tratar-se uma ou outra vez, de pequenas «grandes» ajudas, como a que se relata a seguir. Andava um dia um lente um tanto atrapalhado com a localização de determinada citação bíblica que, após exaustivos esforços não conseguia encontrar e era de interesse fundamental para um trabalho que trazia em mãos. Dirigiu-se, por fim, ao Abel que, acto contínuo, a situou com o auxílio de uma simples concordância. O Professor, que desconhecia a existência dos preciosos instrumentos de trabalho que são as concordâncias de qualquer obra de vulto, ficou assombrado!

Enfim, homem de gabinete para a concentração no estudo, não se isolava. Pelo contrário, projectou o seu saber. Cumpriu em pleno a sua missão de bibliotecário, mas de bibliotecário erudito, virado para a investigação científica, bem estruturada e não para a técnica. Aqui falhava concerteza. Não obstante, como bibliotecário, deixou rasto... Lê-se num passo duma carta do actual venerando Bispo de Viseu, datada de 7 de Março de 1965, «conquanto há muitos anos nos não tenhamos visto eu não esqueci aquele bom Amigo que, de 1944 em diante, tanto me ajudou nos trabalhos do Fr. António de São Domingos [...]».

Com o seu saber valorizou grande quantidade de teses de doutoramento, de licenciatura, discursos e conferências de antigos discípulos, colegas e amigos.

Desinteressado em alto grau, gostava de ser útil e ajudar quem quer que fosse sem procurar o seu próprio prestígio. Não vergava a favores. Com a maior liberdade e isenção de espírito e um certo humor, dizia: «nem tenças, nem prebendas, nem recompensas, nem acções, nem obrigações, nem condecorações, nem pensões, nem pastas, nem postas, nem tachos, nem penachos».

Por muito paradoxal que pareça, interiormente era organizadíssimo, com ideias muito arrumadas, e tinha um grande poder de autodomínio. No entanto, exteriormente, era desorganizado. Os seus «queridos» papéis e papelinhos, notas e notinhas, apontamentos e livros andavam um tanto à deriva, mas... encontrava sempre o que no momento desejava.

Disciplinado, preocupava-se muito com a pontualidade. Costumava proclamar a regra de ouro preconizada por Alexandre Herculano (de quem era grande admirador): «Deita-te às onze que o homem não é de bronze».

Deixou escassa obra escrita, mas de mérito e prestimosa. No seu espólio há conferências, palestras e outros trabalhos inéditos, que nunca burilou para serem dados a lume.

Há dias, muito recentemente, um assistente e investigador da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o Dr. Pedro Villas-Boas Tavares dizia-me que, com frequência, encontrava o nome do meu Marido em dissertações de doutoramento e outros trabalhos académicos a agradecer a colaboração e apoio que prestara.

Passo a transcrever a nota crítica a um dos seus trabalhos, de um estudioso alemão de grande nomeada.

Reza assim:

Depois de Fidelino de Figueiredo, Friedrich Stegmüller e a Biblioteca Nacional (esta sobre os códices de Alcobaça) nos terem dado, até agora, os valiosos índices sobre material para a História da Filosofia em Portugal, deparamos, com a presente obra, com um catálogo extraordinariamente prático e útil dos mss. da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Abrange até agora apenas os mss. dos trabalhos sobre lógica e deixam antever na sua totalidade quais as riquezas que aguardam ainda tratamento e catalogação, para depois se tornarem acessíveis a um estudo adequado. Os índices, redigidos no fim do livro sob vários ângulos, facilitam substancialmente a sua utilização. A citação dos mss. é clara e suficiente para uma primeira orientação. Sob o ponto de vista da data, os mss. são originários dos séculos XVI, XVII e XVIII, abrangem, portanto, precisamente, um período muito importante para a História da Filosofia em Portugal (*A Regeneração da Escolástica e o seu fim*). É muito para desejar, que o seu Autor prossiga com este consciencioso trabalho, cheio de mérito, e em breve nos ponha nas

mãos mais catálogos. Proporciona com eles uma investigação para a História da Filosofia em Portugal, urgentemente necessária e prevendo-se muito valiosa*.

Para fecho desta reflexão tomo a liberdade de transcrever, com a devida vénia, as palavras de apreço com que o Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro, Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, abriu o relatório, referente ao ano lectivo de 1992-93.

No seu limiar do [relatório] cumpre deixar uma palavra à memória do antigo Bibliotecário-Chefe, Dr. Abel Lopes de Almeida e Sousa, falecido a 25.06.1993. Desde que, em Fevereiro de 1940, entrou para o quadro da Biblioteca, como 3.º Bibliotecário, até à sua aposentação, por limite de idade, a 24.05.1978, com a categoria de Bibliotecário-Chefe, desenvolveu o Dr. Almeida e Sousa uma devota actividade, nomeadamente na elaboração de vários volumes do *Catálogo de Manuscritos*, em especial dos núcleos relativos às apostilas de Filosofia, bem como do último volume do *Catálogo das Miscelâneas*, que concluiu já depois de aposentado. Pessoa de fino trato, de discreto conselho, de vasta e variada cultura e de grande nobreza de carácter, deixou amigos sinceros em quantos com ele trabalharam e que sempre o hão-de lembrar com saudade.

* Apreciação de Lothar Thomas ao *Catálogo de Manuscritos (Códices 2205-2309)*. *Apostilas de Filosofia*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1942, 285 p.